PFC revista
Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea

Contribuições para uma psicopatologia fenomenológico-hermenêutica da anorexia nervosa

ARTIGO

Contributions to a phenomenological-hermeneutic psychopathology of anorexia nervosa

Graco Silva Macedocouto
Adriano César Cutrim Costa
Lucas Pinto Fonseca

Resumo

Este artigo intenciona estabelecer a possibilidade de uma psicopatologia de natureza fenomenológico-hermenêutica da anorexia nervosa, com base no pensamento de Martin Heidegger. Para tal, estabelece como metodologia uma revisão narrativa que visa articular a compreensão da Psicopatologia Fenomenológica nessa patologia, a problemática da corporeidade na Fenomenologia e a perspectiva heideggeriana da corporeidade. Destacam-se as inter-relações entre a era da técnica, anorexia nervosa e corpo vivido em primeira pessoa. Ressalta-se que o modelo atual da psicopatologia descritiva de sinais e sintomas, assim como as visões cognitivistas que explicam a anorexia como alteração de crenças e da imagem corporal, são insuficientes para ressaltar as profundas transformações ocorridas no corpo vivido (*Leib*) da experiência anoréxica. Essa corporeidade é experienciada como fonte de preocupação, mensuração constante, busca de aquisição de nova identidade, fechamento à alteridade e alienação. Estabelece-se, então, um panorama de possíveis articulações entre a temporalidade, espacialidade e corporeidade de tal padecimento. A partir do aporte heideggeriano que privilegia a mundaneidade da experiência de corpo, é possível estabelecer uma ligação entre corporeidade enquanto fenômeno intermediário e mundo da técnica, o qual privilegia modos de relação voltados ao controle, manipulação, representação e objetificação.

Palavras-chave: Psicopatologia fenomenológica; Anorexia nervosa; Fenomenologia-hermenêutica; Corporeidade.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2026; vol15 (1): 131154

Published Online
28 de outubro de 2026
https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i1.1240

Graco Silva Macedocouto

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão. Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é professor da Universidade Ceuma.

Contato: gracomacedo@msn.com

Adriano César Cutrim Costa

Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau. Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) na Universidade Federal do Maranhão, na Linha de Pesquisa Trabalho, Saúde e Subjetividade. É integrante do Tibira - Grupo de Estudo e Pesquisa em Subjetividade, Lutas Sociais, Opressões, Gênero e Sexualidades;

Contato: acutrim.90@gmail.com

Lucas Pinto Fonseca

Possui graduação em psicologia - Bacharelado pela Faculdade Pitágoras. É especialista em psicologia escolar e educacional pelo Conselho Regional de Psicologia. É psicólogo clínico autônomo e também palestrante nas diversas áreas da psicologia, mas principalmente na educação.

Contato: fonseca.lp@gmail.com

PFC revista
Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea

Contributions to a phenomenological-hermeneutic psychopathology of anorexia nervosa

ARTIGO

Contribuições para uma psicopatologia fenomenológico-hermenêutica da anorexia nervosa

Graco Silva Macedocouto
Adriano César Cutrim Costa
Lucas Pinto Fonseca

Abstract

This article aims to establish the possibility of a phenomenological-hermeneutic psychopathology of anorexia nervosa based on Martin Heidegger's thought. To this end, it uses a narrative review methodology to articulate an understanding of the Phenomenological Psychopathology of this pathology, the problem of corporeality in Phenomenology and the Heideggerian perspective on corporeality, and the interrelationships between the technology age, anorexia nervosa and the body lived in the first person. It should be emphasized that the current model of descriptive psychopathology of signs and symptoms, as well as the cognitivist views that explain anorexia as an alteration of beliefs and body image, are insufficient to highlight the profound transformations that occur in the lived body (Leib) of the anorexic experience. This corporeality is experienced as a source of concern, constant measurement, the search to acquire a new identity, closure to otherness and alienation. A panorama of possible articulations of the temporality, spatiality and corporeality of such suffering is then established. In addition, based on the Heideggerian approach, which emphasizes the mundanity of the experience of the body, it is possible to establish a link between corporeality as an intermediary phenomenon and the world of technology, which emphasizes modes of relationship focused on control, manipulation, representation and objectification.

Keywords: Phenomenological psychopathology; Anorexia nervosa; Phenomenology-hermeneutics; Corporeality.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2026; vol15 (1): 131154

Published Online
28 de outubro de 2026
https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i1.1240

Graco Silva Macedocouto

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão. Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é professor da Universidade Ceuma.

Contato: gracomacedo@msn.com

Adriano César Cutrim Costa

Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau. Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) na Universidade Federal do Maranhão, na Linha de Pesquisa Trabalho, Saúde e Subjetividade. É integrante do Tibira - Grupo de Estudo e Pesquisa em Subjetividade, Lutas Sociais, Opressões, Gênero e Sexualidades;

Contato: acutrim.90@gmail.com

Lucas Pinto Fonseca

Possui graduação em psicologia - Bacharelado pela Faculdade Pitágoras. É especialista em psicologia escolar e educacional pelo Conselho Regional de Psicologia. É psicólogo clínico autônomo e também palestrante nas diversas áreas da psicologia, mas principalmente na educação.

Contato: fonseca.lp@gmail.com

INTRODUÇÃO

A anorexia nervosa é compreendida, por meio dos sistemas classificatórios atuais em Psicopatologia, como uma restrição na ingestão de calorias, levando a um peso corporal baixo nos contextos de idade, gênero e trajetória do desenvolvimento. Tal restrição é associada ao medo intenso de ganho de peso, mesmo estando com indicadores bastante abaixo do esperado. Há também alteração na percepção e autoavaliação da forma corporal a despeito da gravidade que o baixo peso pode ter para a manutenção das funções biológicas (APA, 2014). A partir de um conjunto de sinais e sintomas supracitados, é possível perceber a centralidade do próprio corpo como fator de temor e preocupação, assim como principal receptáculo das alterações psicopatológicas na experiência em questão.

Se, por um lado, tais descrições nosológicas permitem uma maior generalidade na identificação de um conjunto de sinais e sintomas, por outro, podem perder a especificidade dos sentidos e significados que estão subjacentes à experiência vivida em uma perspectiva de primeira pessoa, isto é, a partir do olhar daquele que sofre. Para Tamelini e Messas (2022), o campo da Psiquiatria e das psicologias atuais é marcado pela presença de um modelo neopositivista e neurobiológico, que cria paradigmas de pesquisa e parâmetros clínicos terapêuticos atravessados por fragilidades, como questões de validade, confiabilidade e que podem tender ao reducionismo.

Com o objetivo de resgatar a estrutura de sentido que sustenta o sofrimento psicopatológico, dando ênfase, ao mesmo tempo, à singularidade daquele que sofre e às condições de possibilidade do vivido, instaura-se, em 1922 – a partir da apresentação de Eugene Minkowski e de Ludwig Binswanger no 63º Encontro da Sociedade Suíça de Psiquiatria –, a Psicopatologia Fenomenológica. Essa instauração marca a passagem de uma abordagem descritiva, como proposto por Jaspers em sua *Psicopatologia Geral*, para uma perspectiva transcendental, voltada às alterações da consciência constituinte e não da consciência constituída (Dastur & Cabestan, 2015). Para Tatossian (2006), a relação entre Fenomenologia e Psicopatologia seria de implicação e não de aplicação. De modo mais preciso, seria adequado falar de um desvendamento das estruturas da existência e/ou da consciência, as quais, em estado de alteração, clarificam como as experiências de adoecimento podem se estruturar da forma como aparecem.

Nesse sentido, o presente artigo questiona como se constitui a experiência de

corporeidade no transtorno de anorexia nervosa a partir de uma visão fenomenológica, tendo como inspiração a Fenomenologia hermenêutica heideggeriana e seus apontamentos acerca da corporeidade enquanto corporar do corpo (Heidegger, 1992, 2001, 2007, 2015, 2021). A questão da corporeidade na Fenomenologia aparece desde a sua fundação com o filósofo e matemático Edmund Husserl, que trouxe a diferenciação, em suas obras tardias, das noções de *Körper,* enquanto um corpo inanimado, e *Leib,* como a experiência corpórea humana. Husserl (2000) considera que a corporeidade (*Leib)* é um órgão da percepção que estaria necessariamente envolvido em um todo percebido. A apreensão perceptiva pressuporia, portanto, conteúdos sensórios que permitiriam a constituição do aparecimento das coisas mesmas.

Para além disso, a corporeidade seria portadora do ponto zero de orientação e da noção de aqui e agora, de onde o Ego Puro constituiria o espaço em suas noções de perto, longe, grande, pequeno, além da totalidade no mundo das sensações. Assim, toda a percepção teria sempre o corpo como referência e as coisas apareceriam, por exemplo, mais à esquerda ou à direita de onde observador se encontra. Da mesma maneira, esse corpo vivo teria uma livre mobilidade para expressar a vontade humana, o que o diferiria de objetos naturais que se movem automaticamente. Percebe-se que, por meio de uma conjugação pré-reflexiva de percepções e sensações, ocorreria a integração de um corpo vivo que pertence a um eu. O corpo vivo seria, então, não um mero objeto que é possuído de maneira mecânica, mas o próprio corpo que se é.

Reconhecido o pioneirismo e genialidade husserliana no desvelamento desse fenômeno, algumas ponderações posteriores de Heidegger (2001, 2007, 2015, 2021) permitem pensar o fenômeno da corporeidade sob um novo prisma. Para Casanova (2014, 2021), isto se dá porque Edmund Husserl, ao fazer uma crítica da visão do ser humano enquanto subjetividade representacional, reposiciona a importância do sujeito na constituição do conhecimento a partir de uma intencionalidade da consciência. Logo, ao invés de uma lida mediada por representações, a consciência está sempre junto ao objeto intencionado e acaba por reter as posições prévias do pensamento moderno. A principal hipostasia que Heidegger visa combater é a da centralidade do sujeito enquanto ego transcendental na própria possibilidade de abertura do campo de fenomenologização dos fenômenos.

É possível perceber um deslocamento conceitual na compreensão dos fenômenos que resvala para o conceito de círculo hermenêutico (Casanova, 2014), uma vez que o

próprio fundador da Fenomenologia não consegue suspender as estruturas prévias interpretativas da modernidade por sua vontade. Munido dessa reflexão, Heidegger (2015) aponta que a essência do ser humano é a existência[1] e leva às últimas consequências a ideia de intencionalidade de seu mestre, entendendo-a como vinculada não apenas à consciência, mas a todo o nosso ser em sua relação com uma rede de sentidos e significados sedimentados no mundo histórico, a partir da estrutura existencial do ser-no-mundo[2].

Tais esclarecimentos se tornam importantes na medida em que, para Heidegger (2001, p. 123), "O corporar co-pertence sempre ao ser-no-mundo, o ser-aberto, o ter de mundo". Portanto, nos *Seminários de Zollikon,* o corpo vivido em primeira pessoa aparece como um modo de ser copertencente à existência e como participante da abertura compreensiva de mundo que permite a relação do Ser-aí com os entes em geral. Assim, a corporeidade é um constitutivo que se dá a nível ôntico-ontológico[3] e que aponta em seu escopo uma crítica às concepções tradicionais de homem. Essas concepções apresentam uma estrutura dicotômica entre corpo e razão que é insuficiente para apreender o Ser-aí humano como compreensão de ser (Costa, 2018).

É exatamente com o objetivo de compreender a corporeidade como um modo de

[1] Entende-se aqui existência a partir dos étimos *Ek* (fora) e do verbo *istemi (encontrar-se, colocar em um lugar, estar*) (Casanova, 2021). Heidegger (2015), em sua obra fundamental *Ser e Tempo,* apresenta a essência do nosso modo de ser como existência a partir dos termos Dasein ou Ser-aí. A adoção de tal terminologia se dá como vistas a suspender as determinações categoriais e substanciais da tradição que conceituam o homem como animal racional. Mais especificamente, o que nos caracterizaria não seria uma substancialidade atemporal e categorial, mas como fica patente desde o início da obra e é melhor explicitado no parágrafo nono, uma compreensão de ser, ou seja, uma compreensão do ser em geral que permite não somente a leitura de uma infraestrutura básica de interpretação das coisas na diversidade dos seus modos de ser (utensílios, outros existentes, animais, obras de arte, áreas da ciência, e etc), como também orienta nossos comportamentos em geral. Para além desse elemento, ao existir, o Ser-aí é compreendido a partir de suas possibilidades de ser, não possuindo um fundamento para além do que ele mesmo coloca, mas enquanto um projeto que se desdobra a partir do seu já estar-lançado em um mundo de sentidos historicamente sedimentados e que o retira de sua indeterminação. Assim, o que o filosofo germano fará em sua analítica existencial é muito mais uma descrição da estrutura fundamental do nosso existir, enunciando não categorias, mas existenciais – que são a condição de possibilidade de existirmos da maneira que existimos.

[2] Por ser-no-mundo, entende-se aqui a constituição fundamental a priori heideggeriana enunciada em *Ser e Tempo* – que eleva às últimas consequências a intencionalidade da consciência husserliana como não estando atrelada a um sujeito da consciência reflexiva, mas como uma adesão tácita de todo nosso ser a uma determinada conjuntura de sentidos e significados que foram historicamente se sedimentando e que habitamos a partir de uma determinada familiaridade capaz de dar estabilidade e orientação para nosso ser (Heidegger, 2015). O próprio hífen implica uma não dicotomia entre nosso ser e o mundo, ou seja, a conjuntura de sentidos e significados penetra desde sempre "pelos sete poros de nosso ser" (Casanova, 2021) – ou dito de modo mais explícito, mundo é mundo que somos e estamos (Borges-Duarte, 2015).

[3] Entende-se aqui ôntico como relativo ao ente, e ontológico como relativo ao ser. Dizer que a corporeidade em Heidegger (2001,2014,2015,2021) aparece como ôntico-ontológica é sustentar que sua visão se volta não somente para o fato de que nosso corpo possui uma dimensão material, mas é coparticipante de nossos modos de ser.

ser-no-mundo – que, ao ser, não possui uma substancialidade atemporal, mas é coparticipante de nossos próprios movimentos, percepções e compreensões, sempre atravessadas por um mundo histórico – que se cunha o termo *corporar*, apontando o caráter de ser deste corpo enquanto tarefa atualizada em cada modo de ser-no-mundo, de maneira historicizada (Casanova, 2021).

Partindo dos pressupostos supracitados, este artigo propõe o desenvolvimento de uma revisão narrativa que, segundo Vosgreau e Romanovski (2014), tem o objetivo de estabelecer conexões com produções anteriores, identificar temáticas recorrentes e, principalmente, produzir novas perspectivas. Dada a escassez da produção da temática acerca da Psicopatologia Fenomenológica da anorexia nervosa, partindo da corporeidade em Heidegger, utilizou-se como critério de inclusão artigos que versam sobre o tema nas bases de dados SCielo, Google Acadêmico e Bvs-psi, escritos no período de 20 anos (no intervalo entre 1994 e 2024), em língua portuguesa, inglesa e espanhola.

Dentre os descritores utilizados na pesquisa, estão: anorexia nervosa e Psicopatologia Fenomenológica, e anorexia nervosa e Heidegger – assim como seus equivalentes em língua inglesa e espanhola. A pesquisa apontou 1.910 resultados. Foram utilizados como critérios de exclusão a duplicidade de artigos, a falta de correlação com as áreas da Psicologia, Psiquiatria e Ciências Humanas, e a relação com outras abordagens e vertentes psicológicas. Como critérios de inclusão, buscou-se selecionar artigos que dialogam diretamente com a Fenomenologia-hermenêutica heideggeriana e que tematizam a correlação entre a corporeidade e a anorexia nervosa. A partir de tais critérios de inclusão e exclusão, apenas 10 artigos foram selecionados.

Ademais, foram utilizadas obras clássicas da Fenomenologia de Heidegger, incluindo *Ser e Tempo, Seminários de Zollikon, Cartas Sobre o Humanismo, A questão da técnica e Princípios Metafísicos de la Lógica,* assim como obras que exploram a Psicopatologia Fenomenológica da anorexia em um diálogo com a temática da corporeidade em Heidegger. Por esse motivo, incluiu-se a obra *The Oxford Handbook of Phenomenological Psychopathology*. As demais obras utilizadas serviram para esclarecer subtópicos contidos nos livros supracitados.

Como pergunta norteadora, buscamos responder como é possível articular uma Psicopatologia Fenomenológico-hermenêutica da anorexia a partir da compreensão da corporeidade enquanto modo de ser-no-mundo atravessado por uma determinada conjuntura histórica. Para tanto, esta exposição está subdividida em: mundo vivido dos

transtornos alimentares e da anorexia, reflexão heideggeriana sobre o corpo em sua obra e, por fim, possibilidades de pensar a inter-relação entre horizonte de mundo histórico e corpo para desvelar a anorexia enquanto modo de corporar na contemporaneidade.

O mundo vivido nos transtornos alimentares e na anorexia nervosa

Nesta seção, discute-se o mundo vivido dos transtornos alimentares em seu sentido mais amplo para, posteriormente, adentrar na especificidade da anorexia. Essa conduta se faz importante, pois, como pontua Castellini e Rica (2019a), há maior coerência em uma aproximação dimensional ao invés de uma abordagem categorial no interior de uma perspectiva fenomenológica – o que permite uma descrição mais complexa da sintomatologia dos transtornos alimentares. Tal escolha atesta não somente a instabilidade temporal dos diagnósticos psiquiátricos, como também o entrecruzamento de sintomas entre os diversos transtornos alimentares. Assim, busca-se compreender as amplas dimensões existenciais afetadas nos transtornos alimentares, como na anorexia.

Ainda para Castellini e Rica (2019b), o desenvolvimento de transtornos alimentares ocorre a partir de uma desassociação da nutrição e de seu sentido fisiológico. A comida perde seu valor de sustentação da vida e prazer, e adquire contornos negativos e de perigo. Como consequência, o suprimento energético do organismo não seria mais regulado por sentimentos viscerais de fome e saciedade, mas qualitativa e quantitativamente baseado em parâmetros arbitrários, como regras rígidas e crenças associadas ao controle, o que leva o sujeito a ignorar sinais de fome e saciedade para aderir, de maneira restrita, a uma determinada dieta.

Desta forma, os autores supraditos argumentam que, sendo o distúrbio de imagem corporal uma característica transdiagnóstica que atravessa uma série de transtornos, seria preciso considerar a psicopatologia central ao qual o mundo subjetivo do paciente se associa. Em adição, sobre as possíveis complexidades diagnósticas, Fuchs (2021) argumenta que, embora se compreenda a emergência dos transtornos alimentares como provenientes de crenças disfuncionais e cognições errôneas sobre o corpo e seu estado atual, tais perspectivas ignoram as profundas mudanças de consciência corporal desses pacientes. Essas transformações possuem como base uma relação específica com o corpo vivido em sua dimensão existencial mais tácita e pré-reflexiva, além do modo como se articula com as percepções de si, espacialidade e temporalidade.

Em geral, tais transformações existenciais têm como base o fato de que, enquanto

a grande maioria das pessoas avaliam e definem a si mesmas a partir de uma variedade de áreas vitais – como, por exemplo, qualidade dos seus relacionamentos, performance no trabalho, parentalidade, habilidades esportivas e outros aspectos mais amplos –, pessoas com transtornos alimentares julgam a si mesmas, em grande parte, pela sua forma corporal, hábitos alimentares e habilidades para controle de peso. Assim, toda uma série de ações e projetos têm como foco a forma física e o peso em detrimento de outras possibilidades (Castellini & Rica, 2019b).

O grande foco em aspectos corpóreos via transformação da corporeidade vivida se correlaciona com o fato de que, nos transtornos alimentares, há uma desproporção no relevo do olhar do outro enquanto um elemento de validação de si. A identidade torna-se reificada e reduzida à aparência externa, na medida em que o outro deixa de ser um parceiro em uma relação intersubjetiva e se torna aquele que valida a própria existência. A alteração na relação com o outro é acompanhada por uma alteração na relação com a espacialidade, onde, perceptivamente, o espaço torna-se menor em relação ao corpo, dado que este não cabe nos vestidos ou ocupa muito espaço numa sala.

Por fim, uma alteração espacial se conjuga a uma alteração temporal, a qual é experimentada a partir das experiências corpóreas e comportamentos alimentares que promovem uma alteração no senso de continuidade corporal daquele que padece de tais transtornos. O sentimento de que o corpo pode mudar continuamente, de modo a tornar a percepção de determinadas partes mais inchadas no intervalo de dias ou horas, reduz o tempo à mera função de controle ou perda de controle do peso e da alimentação, ato que se torna metonímico do controle ou da perda de controle da própria existência (Castellini & Rica, 2019a, 2019b; Neuman, 2019).

Emerge, então, em se tratando da especificidade da anorexia, a necessidade de compreender o sentido que sustenta o fato de que, geralmente, moças jovens (Fuchs, 2021; Castellini & Rica, 2019b) evitem determinadas comidas e chequem compulsivamente o seu corpo. A referência ao gênero feminino e à idade não é fortuita, dado que, segundo Fuchs (2021), no que tange à especificidade da anorexia, de 90 a 92% das pessoas que possuem esse transtorno são do sexo feminino e iniciam o quadro no período da puberdade.

A partir de uma leitura sartreana, em que o olhar do outro transforma o olhado de um ser-para-si, livre, consciente e autônomo em um ser-em-si, objetificado, não possuidor de consciência e liberdade, Fuchs (2021) pontua o momento da puberdade e das

transformações corpóreas desse período, no corpo feminino, como um grande acentuador do caráter ambíguo da nossa própria corporeidade: ser um corpo vivo (*Leib*) e ter um corpo físico (*Körper)*; ser autônomo e, ao mesmo tempo, depender das limitações de um corpo físico; ser um sujeito, mas ser passível de objetificação a partir do olhar do outro.

É exatamente na puberdade que o rápido desenvolvimento do corpo feminino pode gerar sentimentos de insegurança e desadaptação. O desabrochar da sexualidade pode ser experimentado como promissor ou ameaçador e, ao mesmo tempo, essas mudanças permitem que esse corpo se torne "corpo-para-o-outro" enquanto um objeto de comparação, avaliação e julgamento. A adolescência é a condição histórica e socialmente sedimentada em que a imagem corporal ganha maior relevo, na medida em que pode ser fruto de sentimentos de orgulho, embaraço, vergonha ou autossuficiência.

Uma breve análise do fenômeno da vergonha, realizada a partir das contribuições de Sartre, indica se tratar de um sentimento muito presente na adolescência, capaz de revelar o quanto a condição de ser-para-o-outro é marcante para a constituição do para-si. Em suas palavras: "Eu preciso do Outro para poder perceber totalmente as estruturas do meu ser. O Para-si se refere ao Para-outros" (Sartre, 2010, p. 222). A vergonha, postulada como um módulo da consciência, é uma estrutura do si; contudo, não se constrói *per si*, por meio de um solipsismo reflexivo isolado no sujeito. Esse fenômeno necessita do olhar do outro para se realizar.

Esclarece-se, então, a partir da visão sartreana, como a liberdade do corpo é cerceada por julgamentos:

> Um julgamento é o ato transcendental de um ser livre. Portanto, ser-visto me constitui como um ser indefeso para uma liberdade que não é minha liberdade. É neste sentido que podemos nos considerar como "escravos". Até onde eu sou o objeto de valores que me qualificam, sem que meu ser seja capaz de agir nesta qualificação ou até mesmo saber dela, eu estou escravizado (Sartre, 2010, p. 267).

É exatamente contra essa experiência reificadora do olhar do outro que a pessoa anoréxica se debate. Para Fuchs (2021), embora a exposição aos ideais predominantes de beleza provenientes da mídia e do marketing voltadas ao corpo possam mediar uma relação objetificadora de adolescentes jovens consigo mesmas, no curso posterior da doença ocorre uma radicalização e reversão desse processo. Em outras palavras, a reificação do olhar do outro se transforma em autorreificação a partir da interiorização constante de um olhar avaliativo sobre si e redução de sua identidade ao corpo e ao seu controle.

Ainda para o mesmo autor, a agenda oculta da anorexia, que permite a

diferenciação de um esforço para corresponder ao ideal de magreza, é a de um corpo dessexualizado e que recusa a feminilização da idade adulta, dado que, em muitas situações, as formas culturalmente associadas ao sexo e gênero femininos desaparecem, a menstruação cessa, o desejo e a libido são perdidos. A pessoa anoréxica buscaria, então, a subjugação do corpo libidinoso, instintivo, carnal, que se manifesta tanto na sexualidade quanto na fome.

O processo acima descrito culmina na experimentação da identidade da anoréxica a partir da negação da alteridade que a tornaria independente de toda comida, amor e do olhar do outro. A nutrição poderia representar todo o tipo de intrusão estrangeira que viola a sua autonomia (Fuchs, 2021). Percebe-se uma modulação no modo como a alteridade aparece para a anoréxica, dado que, nos transtornos alimentares em geral, a percepção do outro é muito importante e ocupa papel central na avaliação de si mesmo, enquanto na anorexia, em específico, essa importância é reafirmada a partir de uma tentativa de negação radical da alteridade – resultando em sentimentos de autossuficiência e controle não só do corpo, mas da existência em sua totalidade.

Para Castellini e Rica (2019b), pessoas anoréxicas podem explicar seus comportamentos alimentares como uma ferramenta para a aquisição de uma nova identidade, o que corrobora a visão de Bowden (2013) de que muitas pacientes anoréxicas se identificam com o seu transtorno. Achado parecido pode ser encontrado em Neuman (2019), em que algumas pacientes são vistas de modo ambíguo, ora como amiga e aliada, ora como inimiga. Gooldin (2008), por sua vez, afirma que a experiência de suportar a fome é transformada em sentimentos de autoeficácia, poder e realização, e cria uma espécie de narrativa heroica de si. Nesse sentido, para Otoch e Felice Neto (2022), aquilo que muitas vezes aparece para o clínico como um sintoma é sentido pelo paciente como a solução de uma questão existencial. Logo, torna-se praxe vivenciar a anorexia como egossintônica, ou seja, como algo coerente com seus projetos existenciais, e não como sofrimento.

Na culminância do processo de objetificação do próprio corpo como saída supostamente autônoma da objetificação do olhar do outro, há, de modo unânime, nos diversos artigos encontrados sobre o tema de base fenomenológica (Bowden, 2013; Castellini & Rica, 2019a, 2019b; Fuchs, 2021; Neuman, 2019; Otoch & Felice Neto, 2022), uma experiência de alienação do próprio corpo. O corpo é visado a partir de um campo de hiper-reflexividade e como centro constante – não como corpo vivido (*Leib)*, mas

como corpo objeto (*Körper*). Muitos pacientes não se sentem mais em casa em seus corpos, descrevendo sentimentos de dormência, embotamento e rigidez – como se seus corpos se tornassem objetos inanimados (Fuchs, 2021). Não é incomum a experiência de *alexitimia*, ou seja, a dificuldade de expressar e reconhecer emoções (Fuchs, 2021; Neuman, 2019; Otoch & Felice Neto, 2022).

Para Otoch e Felice Neto (2022), a alexitimia seria a expressão dessa alienação corporal, principalmente por meio da tentativa de suprimir uma ressonância emocional corpórea, já que é por meio do corpo-sujeito que as vivências afetivas se dão. Assim, substitui-se a ameaça possível da vivência de emoções penosas pela concentração rígida em seus corpos como objetos, gerando uma dificuldade em experienciar as emoções em geral. Fuchs (2019) afirma que o sentimento de controle do corpo pode levar a uma experiência de euforia, aquela em que os estados de ausência de peso se ligam a ideais de pureza, claridade e transparência – repetindo ideais ascéticos platônicos ou religiosos do corpo como "masmorra da alma".

Essa vivência pode ser radicalmente exemplificada no paradigmático caso Ellen West, tal qual descrito por Binswanger (1957, p. 61):

> Ellen West deseja ser *delicada* e *etérica* como o são as *amigas* escolhidas por ela. Com esse desejo, o *mundo etérico* – como o chamaremos daqui para frente, baseando-nos na expressão da própria Ellen – conspira não só contra as esferas dos mundos circundante e compartilhado, mas também contra aquela esfera do mundo próprio que precisa se contrapor à *eterização* da maneira mais drástica possível e, justamente, através do peso mundano, da solidez, do preenchimento *compacto* do ambiente - isto é, através da densidade e da resistência: a esfera corporal.

Apontamentos heideggerianos sobre corporeidade, sexualidade e gênero

A questão da corporeidade enquanto problema fenomenológico atravessa também um diálogo entre Sartre e Heidegger, uma vez que este não desenvolve de maneira bastante clara a corporeidade em sua análise existencial efetuada em *Ser e Tempo* – quando tece apenas algumas linhas de comentário sobre o fenômeno da espacialidade do Ser-aí, que codeterminaria a corporeidade (Heidegger, 2015). Nesse primeiro momento, a corporeidade diz respeito a uma tendência de aproximar-se existencialmente de determinados utensílios nas ocupações e afazeres cotidianos (dis-tanciamento), e de se orientar (direcionamento) a partir do que o pensador germano chama de região – o lugar de pertinência instrumental. Logo, é o lugar onde, familiarmente, cada utensilio encontra um contexto que sustenta o seu aparecimento como dotado de sentido, e permite o aparecimento do lugar-para a realização de determinadas atividades. Dessa

maneira, tanto a compreensão espacial de um “lá”, junto aos afazeres do dia a dia, como de um “aqui”, implicam corporeidade.

Esse sucinto aparecimento da corporeidade não parece ter sido suficiente para os pensadores franceses, como Paul Ricoeur (2007), para quem faltaria uma discussão acerca das inter-relações entre corporeidade, carne e desejo. Para Sartre – a quem Heidegger (2001) responde –, o suposto “maltrato” do corpo, entendido como seu esquecimento temático, pelo qual é acusado, teria dois motivos: a impossibilidade de tratamento dos fenômenos corporais sem uma explicitação suficiente dos traços fundamentais do ser-no-mundo; e a não existência de uma descrição da corporeidade que veja a mesma a partir do ser-no-mundo. Essa suposta ausência da explicitação sobre o corpo em Heidegger, para Pessoa (2021), se trata muito mais de um silenciamento meditativo do que uma negação ou recusa intencional que visaria à transformação do Ser-aí em uma espécie de anjo angustiado desencarnado.

Muito pelo contrário, o que parece estar em questão, como bem pontua Pessoa (2021), é a sustentação de um tensionamento da problemática do corpo, dado que o domínio exercido pela ontologia grega obstruiria o acesso ontológico ao Ser-aí e à corporeidade vivida enquanto tal. Em outras palavras, a ideia de presença constante e de substancialidade que efetua no ocidente o esquecimento do ser é central para as concepções do homem enquanto alma, sede substancial da identidade, e perpassaria também o conceito de corpo como espaço de expressão das paixões e da animalidade. Desta maneira, seria necessário também livrar-se das sedimentações históricas atreladas à corporeidade, principalmente da ideia de que o homem seria um *animal racional* composto de alma e corpo, sendo valorado negativamente em relação ao elemento racional reflexivo. Ciocan (2010) observa que, na história da tradição filosófica, a partir de tais compreensões, o corpo é considerado um fenômeno inferior em importância e dignidade teórica.

Outra sedimentação histórica possível e de ordem cronológica mais recente, e a qual Heidegger (1973) se opõe, é a do biologismo. Em carta a Jean Beaufret e em resposta aos posicionamentos de Sartre, busca manter a especificidade do corpo humano em seus modos de ser, sustentando que a corporeidade do homem é essencialmente diferente do organismo animal. Disso resulta que o fato da química ou da fisiologia “poderem examinar o homem sob o ponto de vista das Ciências da Natureza, não é prova de que neste elemento “orgânico”, isto é, de que no corpo explicado cientificamente, resida a essência

do homem" (Heidegger, 1973, p. 353). Esse posicionamento é reafirmado nos *Seminários de Zollikon,* em que o fisiológico é apresentado como condição necessária, mas não suficiente, para a compreensão da essência dos modos de comportamento do Ser-aí humano (Heidegger, 2001).

Essa especificidade só poderia ser encontrada na relação indissociável entre Ser-aí e clareira do ser. Para o pensador germano, o elemento mais originário que sustenta o corporar é compreender o ser e responder ao seu apelo. Isso se expressa no fato de que, enquanto em *Ser e Tempo* a espacialidade é mais originária e fundadora da corporeidade, em seu pensamento posterior, o Ser-aí já está retido na clareira do ser, que guarda a sua espacialidade e confere ao corpo vivo seu desdobramento espacial (Heidegger, 2021) – assim como as noções de direita, esquerda, acima, abaixo e como cada lugar se correlaciona com o outro.

Disso, conclui-se que a corporeidade seria profundamente marcada pela mundaneidade, pela qual inicialmente abre-se o mundo e dele emerge um corporar correspondente, ou seja, ao 'homem das letras", ao "homem do campo", ao "homem de negócios" – a cada um desses mundos corresponde um corporar. Logo, "a familiaridade com os entes circundantes repercute no modo como cada Ser-aí corpora sua mundanidade" (Pessoa, 2021, p. 58).

Tal articulação faz cair por terra a linguagem dicotômica que sustenta, por exemplo, uma separação das paixões do corpo ante os pensamentos da razão ou alma. Pensar, afinal, envolveria também a corporeidade e a totalidade do Ser-aí enquanto ser-no-mundo. Heidegger (2001) exemplifica tal aspecto a partir da possibilidade de estar de "corpo e alma" junto ao tema de uma palestra. Para que tal situação se dê, é necessário que o Ser-aí esteja sentado e atento, o que não se daria na maior parte dos casos se estivesse correndo em meio ao espaço em que a palestra está sendo dada. Logo, o corporar ocorre não somente a partir da sensorialidade do ver e do ouvir, mas do tornar presentes os fenômenos de modo temático, seja acompanhando um raciocínio, lembrando, refletindo, imaginando etc. Tanto a sensorialidade quanto o tornar presente o fenômeno em sua multiplicidade de modos de ser pressupõem uma abertura compreensiva ao ser e implicam a corporeidade.

Dessa forma, Fogel (2010) afirma que não podemos pensar o corporar do corpo como uma coisa fixada, mas como um fluir e um remodelar-se, dado que o existir se dá como verbo, experiência e atividade. O corpo existencialmente compreendido não seria

“coisa nenhuma, mas um modo de ser determinado pelo humor, pelo afeto, pela experiência, modo de ser que seria ainda concretização, realização, auto-exposição ou aparição” (Fogel, 2010, p. 175). É exatamente pelo fato de a corporeidade ganhar aqui o contorno de nossos modos de ser-no-mundo, e do corpo físico ser condição necessária, mas não suficiente para a existência do Ser-aí, que as possibilidades do corporar não se restringem aos aspectos biológicos. Uma pessoa biologicamente do sexo masculino pode viver o corporar de um corpo feminino, um idoso pode negar a sua idade e corporar a vivência de um jovem (Pessoa, 2021), assim como uma anoréxica pode possuir a vivência corpórea de um corpo obeso, apesar de sua inanição e magreza excessiva.

Em pertinência ao que expusemos acima, é perceptível o esforço de Heidegger (2001), nos *Seminários de Zollikon,* para que seus interlocutores – oriundos de uma tradição médica que entende o corpo a partir da visão cartesiana, isto é, de coordenadas materiais simplesmente dadas – , pudessem aceder à compreensão do fenômeno corpóreo, que não é necessariamente recortado pelos limites da epiderme. Sobre isso, Heidegger (2001, p.114) afirma:

> Onde está o limite do meu corpo? [...] Em todo caso o corpo não é alguma coisa, algum corpo material, mas sim todo o corpo, isto é, o corpo como corpo é meu a cada caso [...]. O corporar do corpo é assim um modo do Da-sein. [...], portanto, o corporar é co-determinado pelo sentido do meu ser homem no sentido da permanência ek-stática em meio ao ente iluminado. O limite do corporar (o corpo só é: corpo uma vez que ele corpora) é o horizonte do ser no qual eu permaneço. Por isso o limite do corporar se modifica constantemente pela mudança do alcance da minha estada. O limite do corpo material, ao contrário, geralmente não se modifica, ao não ser talvez, ao engordar ou emagrecer. Mas magreza também não é fenômeno do corpo material, mas sim do corpo. O corpo emagrecido pode naturalmente ser medido como corpo material com respeito ao seu peso. O volume do corpo material (corpo não tem volume) tornou-se menor.

Sendo então o corporar do corpo um modo de ser-no-mundo, em que seus limites se fundam na estada junto à clareira do ser, e sendo o Ser-aí um ente indeterminado que, ao mesmo tempo, se comporta com a conjuntura de sentidos e significados sedimentada historicamente no mundo – elemento que o retira de tal indeterminação – concordamos com Pessoa (2021) na acepção de que aquilo que pode ser compreendido como corpo magro, gordo, belo, feio, velho, novo, desejado e indesejado perpassa pelo modo como cada mundo histórico factual entende tais determinações. Com isso, também é possível compreender as perspectivas de sexo e gênero, elementos extremamente importantes do ponto de vista do recorte epidemiológico da patologia em questão. Nesse sentido, faz-se necessário tematizar a compreensão de corpo não como um existencial ontológico do Ser-aí, pois, para que o autor pudesse afirmá-lo, nossa existência teria de ser reduzida a um vapor fantasmagórico. Trata-se, antes, de afirmar o corpo como fenômeno intermediário,

travessia e ‘terceira margem’, que é, ao mesmo tempo, ôntico e ontológico.

A ideia de fenômeno intermediário surge em Reis (2014, 2016, 2018), a partir da interpretação do que Heidegger (2015) diz da possibilidade de uma ontologia da vida – que deveria se realizar mediante um exame privativo da ontologia do Ser-aí, e fazer parte da totalidade dos nossos modos de ser. Assim, o modo de ser da vida seria iluminado e estaria condicionado pelo modo de ser da existência e pelo projeto de uma ontologia fundamental, mas não o contrário.

É possível afirmar, a partir das reflexões de Pessoa (2021), que não é possível pensar em um Ser-aí sem corpo, mas sim em um corpo sem Ser-aí, por exemplo, no contexto de um estado clínico vegetativo. Desta feita, a compreensão do corpo como intermediário possibilita pensar o acontecimento de fenômenos que têm o modo de ser da vida – como, por exemplo, a irrupção de um adoecimento por causas biológicas ou mesmo a morte –, os quais seriam interpretados existencialmente e de modo concomitante, isto é, dentro da conjuntura de sentidos e significados do mundo histórico.

Para Reis (2018), tanto a corporeidade como a sexualidade podem ser compreendidas como fenômenos intermediários, isto é, fenômenos em que há uma determinação do modo de ser da existência e que derivam do modo de ser da vida. Essa interpretação está de acordo com a de Heidegger (2007a), uma vez que o Ser-aí, em sua sexualidade, precisa ser ontologicamente neutro – caso contrário, haveria uma estrutura existencial para o Ser-aí masculino e outra para o Ser-aí feminino. Assim, o Ser-aí não nasce homem nem mulher, mas torna-se homem ou mulher a partir das práticas sociais que se dão em seu mundo fático (Pessoa, 2021).

Por consequência, Heidegger (2007a) reitera o uso do termo *Dasein* – que, na língua alemã, é uma palavra de gênero neutro não por acaso, mas para indicar a particularidade de uma neutralidade concernente ao Ser-aí. Considerando-se que a analítica existencial deve indicar as estruturas do nosso ser antes de qualquer concreção factual, esse não pode pertencer, inicialmente, a nenhum dos dois sexos. Essa neutralidade inicial seria a fonte de onde brotariam as determinações concretas de nossas possibilidades sexuais. Apesar disso, o filósofo germano sustenta que faz parte da essência do Ser-aí já estar disperso em uma corporeidade e sexualidade de uma determinada concreção fática. Essa dispersão estaria, por sua vez, fundada no caráter do estar lançado e das disposições. Quando disposto, ou seja, a cada vez abrindo-se ao mundo a partir de uma tonalidade afetiva, já estaríamos dispersos em uma sexualidade.

Outro existencial muito importante para a compreensão da sexualidade seria o ser-com, que se manifesta, de maneira fática e sempre de novo, no estar-aí corporal de cada um em relação a outros existentes (Heidegger, 2007a). Na medida em que nos é constitutivo já habitar um mundo compartilhado, é a estrutura do ser-com que permite e ilumina a possibilidade de uma sexualidade. Nesse sentido, é possível afirmar que o pensamento heideggeriano sustenta que tanto a sexualidade, enquanto fenômeno intermediário, quanto o gênero, enquanto leitura histórica das expressões da sexualidade, articulam, ao mesmo tempo, corpo, afeto e o outro em um fenômeno unitário. Essa compreensão não somente lança luz sobre a autorreificação efetuada no curso do adoecimento anoréxico, mas também sobre a busca de um corpo dessexualizado da anoréxica em bases ontológicas mais originárias. A pessoa anoréxica, assim, busca esquivar-se dos afetos negativos que o outro lhe provocaria por meio de um regime de auto-objetificação e controle do corpo.

Entretanto, se a corporeidade em Heidegger (2001, 2021) se sustenta a partir da clareira do ser e é radicalmente atravessada pela conjuntura de sentidos de um mundo histórico, pode-se afirmar que, no pensamento posterior de Heidegger, haverá uma modulação da apresentação do sentido de mundo a partir do conceito de medida vinculadora. Para Casanova (2002), a medida vinculadora enraíza todos os comportamentos do Ser-aí em um mesmo parâmetro epocal. Essa medida única é a que Heidegger(2007b) denomina de *Gestell,* ao afirmar que a definição antropológica da técnica como neutra, e enquanto um meio para um fim, oculta o fato de que a técnica moderna é um modo de desvelar a verdade que desafia toda a natureza – inclusive a nós mesmos – como fundo de reserva, extração, armazenamento e encomenda.

É exatamente a partir de tal horizonte histórico que os critérios de eficiência, eficácia, maquinação e desempenho passam a ganhar ênfase em nosso cotidiano e se tornam também elementos balizadores do sofrimento contemporâneo (Feijoo, 2017). Portanto, faz-se importante pensar como, historicamente, a articulação corporar-mundo se deu em outros períodos e como, na contemporaneidade, tal medida única de validade, que também se articula à corporeidade, pode restringir sentidos e se associar à anorexia nervosa.

Entrelaçamentos entre corporar e mundo histórico e a anorexia nervosa como modo de corporar do corpo no mundo da técnica

Os entrelaçamentos entre corporeidade e mundo histórico apresentam uma polissemia que perpassa uma diversidade de concepções, as quais são desenhadas a partir dos significados e compreensões de cada período. É possível, entretanto, afirmar que esses projetos históricos não se encontram no passado, mas acabam por sedimentar concepções que ainda vigoram sem que a contemporaneidade perca necessariamente sua especificidade. Como exemplo, pode-se citar o ideal grego de corpo, que ainda lança sombra sobre a compreensão corporal ocidental. Nela, o corpo é tomado como instrumento de combate, treinado e aprimorado para o bom exercício dos interesses do Estado, mas também moldado para exibição e idealização estética, radicalizada na ideia de perfeição. Assim, a imagem idealizada corresponderia ao conceito de cidadão, que deveria tentar realizá-la, modelando e produzindo o seu corpo a partir de exercícios e meditações (Barbosa, Matos, & Costa, 2011).

A partir da Idade Média, o corpo encontra-se com a fé e, por influência da Igreja Católica, passa a ser fonte de pecado, ou seja, "pagão". O cristianismo (Barbosa et al., 2011) apresenta uma ideia de mortificação do corpo, relacionando-se sempre de forma reticente quanto à interpretação e transformação deste. Cunha (2015, p. 22) evidencia que "é o corpo crucificado e glorificado que é comungado pelos cristãos. As técnicas de coerção sobre o corpo — como os castigos e execuções públicas e o autoflagelo — assinalam a Idade Média".

A partir do século VII, a Igreja Católica consolidou a sua influência e prosseguiu até o final da Idade Média. O corpo medieval é extremamente rígido e restrito, e faz parte da dicotomia alma-corpo – sendo a primeiro considerada superior. Já o segundo, ao estar relacionado com o que é terreno e material, torna-se seu símbolo e, principalmente, a prisão da alma (Cunha, 2004).

Para Le Breton (2012, p. 26), no início do século XVII, "foi necessário o desmantelamento dos valores medievais, as primeiras dissecações anatômicas distinguindo o homem do corpo, sendo ele próprio objeto de revelação da carne na indiferença". O homem separou-se de Deus e do cosmos, e, com isso, nasceram uma anatomia e uma fisiologia interessadas em explicar o corpo. Separou-se também de si e dos outros, apontando para uma sociedade cada vez mais individualista e capaz de separar o homem de seus membros, através dos conhecimentos fisiológicos e biomédicos (Le Breton, 2012). O corpo passa a ser atravessado pela ciência e se torna máquina, objeto investigativo. É neste século que a Medicina encontra apoio na Filosofia dualista de

Descartes, que coloca o corpo à serviço da razão, como uma máquina que este eu substancial possui (Cunha, 2004).

Concomitante a essas transformações intelectuais, a sociedade observou o crescimento e a expansão do capitalismo – forma de produção que muda drasticamente as relações de trabalho, e que irá se valer da noção de corpo enquanto máquina para trazê-lo a uma posição de oprimido e manipulável (Barbosa et al., 2011). O corpo secularizado agora é, como demarcou Foucault (1979), submetido à coerção e ao controle disciplinar, tornando-se um corpo produtor. É no capitalismo que surge uma visão distorcida de liberdade, pois, para Cunha (2004), esse corpo deve ser disciplinado para a produção, mas encorajado para o consumo. A instrumentalização do corpo é mostrada também através da doença, principalmente nas classes populares, "pois retira dos membros dessa camada social a possibilidade de fazer do corpo um uso (profissional, sobretudo) habitual e familiar" (Le Breton, 2012, p. 82).

Nesse sentido, pode-se pensar a instrumentalização e maquinação do corpo como atrelada à medida única vinculadora do mundo da técnica, onde toda a natureza, inclusive a nossa corporeidade, é recurso energético passível de exploração, armazenamento e encomenda (Heidegger, 2007b). Os critérios de funcionalidade, produtividade e eficiência se tornam elementos hegemônicos de organização da nossa facticidade. Em sintonia com esse argumento, Zegers (2015) questiona sobre a relação entre anorexia nervosa e pós-modernidade, dado que esse fenômeno irá se acentuar especificamente na modernidade tardia e no início da era na qual vivemos.

Em conformidade com Zegers (2015), Fuchs (2021) discorre que a "descoberta" psiquiátrica da anorexia no século XIX fala especificamente da medicalização de um comportamento que, anteriormente, estava restrito ao contexto religioso das purificações e mortificações – e que ganha um outro contorno na conjuntura contemporânea do mundo da técnica.

Atinente ao perigo já enunciado por Heidegger sobre a possibilidade de nos acharmos senhores da técnica – e, no fim, sermos controlados por ela –, Zegers (2015) aponta que o elemento característico da modernidade é a transformação da realidade em representação, a qual se efetua na busca da anoréxica em tentar transformar uma imagem em realidade. Para Pessoa (2021), a característica da modernidade que se amplifica no mundo da técnica é exatamente a ideia de que o ente verdadeiro é o ente tal qual representado matematicamente. Assim, a busca por um corpo sem volume seria a própria

transformação do corpo, por meio do seu controle, em objeto a serviço de uma imagem.

Para Zegers (2015), na anoréxica, o corpo se torna uma coisa separada do eu, que deixa de ser um sujeito corporificado. O corpo é reificado e adquire o caráter de mero objeto, cujo valor total estaria na aparência do desenho, como se fosse um utensílio a ser dimensionado e encomendado para a imagem pública. A anoréxica sofre uma alienação do corpo vivido em primeira pessoa, pois o experimenta não somente como inapropriado, mas também como um corpo alienado, um corpo-outro, que é externo à sua dimensão pessoal. É um corpo que coloca a sua intimidade ao alcance do humilhante e aniquilador olhar do outro. Isso é o que a leva a estabelecer um contínuo controle sobre esse corpo inimigo, assim como um modo de alteridade que nega qualquer possibilidade de troca – tal como pontuado por Fuchs (2021).

Por fim, pode-se afirmar que, assim como a pós-modernidade manipulou a realidade através da técnica até o ponto de torná-la quase artificial, a anoréxica intenta construir um corpo sem volume – um corpo que também é, de certo modo, virtual; um corpo que não ocupa espaço e que não vive sequer seus instintos. A anoréxica pensa que, se conseguir controlar o seu corpo – especialmente seu apetite –, será suficientemente forte para controlar todos os demais. Dessa maneira, põe em risco a própria vida no esforço ilusório de fazer desaparecer o seu corpo-objeto e transformar-se em puro espírito (Zegers, 2015).

Esse movimento reedita, afinal, uma mortificação do corpo – de modo semelhante ao corpo medieval, agora sob a forma de controle e da busca por eficiência e autoeficácia. Trata-se, portanto, de uma relação com o mundo que nega não somente a fome e os seus próprios afetos, mas, principalmente, a alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu último romance publicado em vida, o escritor Franz Kafka narrou a história de um homem mundialmente famoso por suas apresentações públicas, cujo principal atrativo eram seus longos períodos de jejum. O conto *Um atista da fome*, publicado em 1922, apresenta um protagonista precarizado em seu modo de ser, cujas derradeiras palavras, em resposta ao questionamento de um inspetor sobre suas razões de ser, são "[...] eu não pude encontrar o alimento que me agrada. Se eu o tivesse encontrado, pode acreditar, não teria feito nenhum alarde e me empanturrado como você e todo mundo." (Kafka, 2007, p. 18). Há algo na angústia vivida pelo personagem kafkiano que também

perpassa o tema desta pesquisa.

A experiência de suportar a fome, por vezes transformada em sentimentos de poder e em uma falsa autonomia sobre seu existir, também aparece como sintoma na patologia da anorexia nervosa. O processo de padecimento gradual das condições biológicas da pessoa anoréxica, resultado das práticas autoritárias quanto à própria alimentação, indica que o alimento para este Ser-aí não é mais fonte de energia, e sim aprisionamento da sua corporeidade em relação ao mundo histórico e aos julgamentos que dele decorrem. Pode-se afirmar que, nesse contexto, efetua-se um modo de corporar impróprio, que busca estabelecer seus limites não no horizonte de abertura da própria clareira do ser e dos diversos entes que podem interpelar o Ser-aí, mas na mensuração, quantificação e objetificação de um corpo que se torna, a cada vez, mais alienado.

Pessoas com transtornos alimentares – em especial com anorexia – têm seus projetos, ações e hábitos voltados para a forma física e peso. Além disso, a validação de si possui como principal elemento o peso do olhar do outro. Sua aparência externa reifica sua identidade e o outro confirma sua existência, um corpo-para-o-outro. É exatamente contra essa experiência que a anoréxica se debate, em seu posicionamento mais fundamental.

A identidade da anoréxica, por se dar a partir da negação da alteridade, resulta em comportamentos de controle e autossuficiência de si através do corpo físico, o que dificulta seu próprio acesso a essa relação enquanto algo negativo para si. Sua identificação com o transtorno se apresenta como “escolha” desse modo-de-ser, coerente com seus projetos existenciais – não sendo, portanto, uma primeira aproximação, ou ainda um sofrimento.

Este trabalho teve como foco desenvolver uma leitura teórica, de base fenomenológico-hermenêutica, do fenômeno psicopatológico da anorexia, com o objetivo de tematizar a dimensão da corporeidade como sua condição de possibilidade. Para tanto, buscou-se frisar as possíveis limitações que certas correntes científicas embebidas pela Psiquiatria tradicional ou pela Psicologia cognitiva apresentam em suas formulações. O texto não tem como intenção desqualificar as hipóteses sustentadas por esses modelos científicos, mas sim buscar nas contribuições de autores da Fenomenologia, com acento na Fenomenologia de matriz heideggeriana, a compreensão de uma possível agenda oculta dos sintomas da anorexia nervosa que passa ao largo dos métodos supracitados.

No ensejo de compreender as estruturas que se mostram no corpo afetado por esse transtorno, tratou-se de lançar bases para uma compreensão psicopatológica da

anorexia junto aos entes enredados nesse conflito – ao invés de distanciar-se de abordagens que abstraem o sofrimento humano de suas redes de sentido historicamente sedimentadas.

A partir do diálogo entre Husserl, Sartre, Heidegger e comentadores de suas obras, o tema da corporeidade vem à tona como possibilidade de apreender o fenômeno da anorexia a partir da sua aparição nos entes. De início, é interrogado o espaço na obra seminal de Martin Heidegger, *Ser e Tempo*, que lida com as implicações pertinentes ao corpo do Ser-aí, ao passo que suas considerações em obras posteriores, como *Os Seminários de Zollikon,* são preparadas. Em oposição a uma assunção do corpo como presente na ontologia grega clássica, ou a assumida pelo biologismo, a corporeidade em uma perspectiva fenomenológica hermenêutica ganha os contornos de nossos modos de ser-no-mundo – sendo o corpo físico uma condição necessária, mas não suficiente para a existência ao modo do Ser-aí, já que as possibilidades do corporar não se limitam a aspectos biológicos.

Deu-se ênfase, ainda, a uma interpretação dos fenômenos do corporar e da sexualidade como fenômenos intermediários que atravessam o modo de ser da existência, atuando como instâncias organizadoras e articuladoras de sentidos dos fenômenos que possuem o modo de ser da vida (Reis, 2014, 2016, 2018).

Ao lidar com as necessárias construções de significado que se enredam no horizonte histórico que é o nosso, pontuou-se a vulnerabilidade do corpo feminino para essa condição de sofrimento, haja vista que o corpo da mulher é constantemente objetificado nos mais variados espaços e mundos históricos. Isso sustenta a prevalência da anorexia nervosa nessa comunidade. Em uma sociedade onde vigora o modelo de produção capitalista, com suas indeléveis marcas do patriarcado, a produção de corpos como mercadorias é um fator indissociável do adoecimento por transtornos alimentares.

A instrumentalização dos poderes e saberes por meio da constituição ontológica do homem mediado pela *technhé* – que posiciona o ente enquanto fonte de reserva e encomenda, consolidando o esquecimento do Ser –, é parte significativa da dificuldade quanto às percepções modernas sobre esse transtorno, dentre outros. As contribuições desta pesquisa buscam somar-se aos esforços teóricos de outros trabalhos amparados em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica sobre o tema. Ademais, este trabalho propõe-se a pensar o campo da Psicopatologia fenomenológico-hermenêutica de bases heideggerianas, a partir de uma fundamentação ontológica mais originária, condizente

com a analítica existencial e com a possibilidade de articular modos de espaço-tempo-corporais e modos-de-ser transtornados (Casanova, 2021).

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (2014). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: APA.

Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, *23*(1), 24-34. doi: https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004

Binswanger, L. (1957). *Schizophrenie.* Tübingen: Neske.

Borges-Duarte, I. (2015). O afecto na Análise Existencial heideggeriana. *Cultura*, *35*(1), 135-150. doi: https://doi.org/10.4000/cultura.2603.

Bowden, H. (2013). Is anorexia nervosa a passion? *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, *20*(4), 367-370. doi: 10.1353/ppp.2013.0051

Casanova, M. A. (2002) A linguagem do acontecimento apropriativo. *Revista Natureza Humana, 4*(2), 315-339. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000200003&lng=pt&tlng=pt.

Casanova, M. A. (2014). *Compreender Heidegger.* Petrópolis, RJ: Vozes.

Casanova, M. A. (2021). *Existência e transitoriedade: gênese, compreensão e psicoterapia dos transtornos existenciais.* Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.

Castellini, G. & Rica, V. (2019a). Eating disorders as disorders of embodiment and identity. In G. Stanghellini, M. Broome, A. Raballo, A. V. Fernandez, P. Fusar-Poli, & R. Rosfort (eds.), *The Oxford handbook of phenomenological psychopatology* (pp. 861-877). Oxford: Oxford University Press.

Castellini, G. & Rica, V. (2019b) Eating Behavior and it´s disorders. In G. Stanghellini, M. Broome, A. Raballo, A. V. Fernandez, P. Fusar-Poli, & R. Rosfort (eds.), *The Oxford handbook of phenomenological psychopatology* (pp. 648-657). Oxford: Oxford University Press.

Ciocan, C. (2010). *The vulnerable body: human corporeality and its limit-situations*. Bucharest: New Europe College.

Costa, D. M. da (2018). Corporeidade e existência em Heidegger. *Revista Ideação*, *38*(2), 147-158. Recuperado de: http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/4289/3504

Cunha, E. M. N. (2015). *Oi, meu nome é Ana - um estudo fenomenológico existencial da experiência de mulheres com anorexia nervosa.* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Recuperado de:

https://repositorio.ufrn.br/handle/12345678/21023.

Cunha, M. J. (2004). *A imagem corporal. Uma abordagem sociológica à importância do corpo e da magreza para as adolescentes.* Azeitão: Autonomia 27.

Dastur, F. & Cabestan, P. (2015). *Daseinsanálise: fenomenologia e psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.

Feijoo, A. M. (2017). *Existência e psicoterapia: da psicoterapia sem objeto ao saber-fazer na clínica* (1. ed.). Rio de Janeiro, RJ: IFEN.

Fogel, G. (2010) *A respeito de Homem, de Vida e de Corpo*. Rio de Janeiro, RJ: Hexis; Fundação Biblioteca Nacional.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.

Fuchs, T. (2021). The disappearing body: anorexia as a conflict of embodiment. *Eating and weight disorders- studies on anorexia, bulimia and obesity*, *27*(1), 109-117. doi: https://doi.org/10.1007/s40519-021-01122-7

Gooldin, S. Being anorexic: hunger, subjectivity and embodied morality. *Medical anthropology quarter*, *22*(3), 274-296. doi: 10.1111/j.1548-1387.2008.00026.x

Heidegger, M. (1973). Carta sobre o Humanismo. In M. Heidegger, *Os Pensadores* (pp. 345-373). São Paulo: Abril Cultural.

Heidegger, M. (2001). *Seminários de Zollikon*. São Paulo, SP; Petrópolis, RJ: Vozes; EDUC.

Heidegger, M. (2007a). *Princípios metafísicos de la lógica* (J. J. García Norro, Trad.). Madrid: Editorial Síntesis.

Heidegger, M. (2007b). A questão da técnica. *Revista Scientia e Studiae*, *5*(3), 375-398. Recuperado de: www.revistas.sp.br/ss/article/download/11117/12885.

Heidegger, M. (2015). *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Heidegger, M. (2021). *Seminários de Zollikon*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.

Husserl, E. (2000) *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy: studies in the phenomenology of constitution*. Dordrecht: Kluwer Academic.

Kafka, F. (2007). *Um artista da fome*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Le Breton, D. (2012) *A sociologia do corpo.* Petrópolis, RJ: Vozes.

Neuman, N. (2019). On anorexia nervosa and the embodied being-toward-death. *In:* Holberg, T., Jonsson, A., & Palm, F. (orgs.). *Death Matters* (pp. 107-127). London, UK: Palgrave Macmillan.

Otoch, L. N. & Felice Neto, R. F. (2022). Anorexia nervosa. In M. Tamelini & G. Messas, *Fundamentos de clínica fenomenológica* (pp. 169-174). São Paulo, SP: Editora Manole.

Pessoa, R. R. A. (2021). *A transcendência do corpo em Heidegger*. Belo Horizonte, MG: Editora Dialética.

Reis, R. R (2016). A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão. *Revista Natureza Humana*, São Paulo, *18*(1), 122-143. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302016000100007&lng=pt&tlng=pt.

Reis, R. R. (2014). *Aspectos da modalidade: a noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica.* Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.

Reis, R. R. (2018). Intermediate Phenomena. In G. J. Giubilato (ed.), *Lebendigkeit der Phänomenologie: Vitality of Phenomenology.* Nordhausen: Bautz.

Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas, SP: Editora Unicamp.

Sartre, J.-P. (2010). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.* Petrópolis, RJ: Vozes.

Tamelini, M. & Messas, G. (2022). Os fundamentos de uma clínica fenomenológica. *In:* Tamelini, M. & Messas, G. (orgs), *Fundamentos de clínica fenomenológica* (pp. 2-5). São Paulo, SP: Editora Manole.

Tatossian, A. (2006). *A fenomenologia das psicoses*. São Paulo, SP: Escuta.

Vosgerau, D. S. & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de Revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, (14), 165-189. doi: https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08

Zegers, O. D. (2015). La Anorexia nerviosa y la post modernidad. *Revista de psicopatologia fenomenológica contemporânea*, *5*(2),185-194. doi: https://doi.org/10.37067/rpfc.v5i2.996